

RESUMO EXECUTIVO
Instituto Vladimir Herzog
9º Prêmio Jovem Jornalista Fernando Pacheco Jordão
A T I N G I D A S

Por: Daniela Felix, Larissa Helena e Miriã Bonifácio

Orientação: Bianca Vasconcellos (TV Brasil) e Karina Gomes Barbosa (Universidade Federal de Ouro Preto)

Modalidade: documentário

A tendência dos discursos feministas que vêm acontecendo com força na última década, e que são tema desta edição do Prêmio Jovem Jornalista, nos convidaram a pensar e falar sobre as questões que envolvem ser mulher no mundo. O rompimento da Barragem de Fundão, das mineradoras Samarco, Vale e BHP Billiton, que aconteceu no dia 5 de novembro de 2015, na cidade de Mariana, abriu um campo de desequilíbrios. As mulheres se tornaram parte vulnerável deste processo que envolveu uma mudança drástica nos modos de vida de várias comunidades.

Dentre as cidades atingidas por mais de 20 milhões de toneladas de rejeitos de minério, Mariana e Barra Longa são resumidoras do modo como as mineradoras lidam com a reparação dos danos - como o rompimento sintetizou, de sua parte, a maneira como a mineração é exercida no país. Diariamente acontecem violações de direitos, como prejuízo de trabalho, invisibilização em espaços deliberativos, não reconhecimento, perda dos laços, aumento de conflitos, táticas de protelação jurídicas propositais e deletérias e, ainda, crescimento dos casos de assédio, estupro e prostituição.

De todas as mulheres que conhecemos, por meio do trabalho desenvolvido junto ao Jornal A Sirene, três delas nos pareceram ter histórias potentes para narrar os efeitos da tragédia sob esta perspectiva. Maria Aparecida Lanna, 54 anos, atingida de Barra Longa, é testemunha da chegada da lama à cidade e também, depois, dos mais de 700 funcionários da empresa que vieram executar as obras de reparação do dano. Ela viu o seu reduto, uma cidade de 6 mil habitantes, ser invadido pelo rejeito e pelos olhares dos homens que, sem respeitar as mulheres, as fizeram refém do constrangimento.

Maria do Carmo Sena, 38 anos, atingida de Paracatu, ainda não se adaptou ao fato de ter perdido os bens e a companhia do marido durante a semana. Incapaz de sobreviver na vida provisória que a família leva na sede de Mariana, ele precisou se dividir entre a zona rural e a cidade para continuar trabalhando. Essa alteração deixou Maria com toda a responsabilidade na criação dos seis filhos - desses, cinco meninas. Adolescentes, as garotas estão expostas a assédios que não

costumavam enfrentar na pequena comunidade em que viviam. Do Carmo, tendo de trabalhar, passa o tempo preocupada com a segurança delas.

Marlene Reis, 48 anos, atingida de Pedras, acompanhou, desde o dia seis de novembro, os processos e negociações dos atingidos com a empresa. Levando uma vida de reuniões na luta pela reparação, ela sofreu agressões - simbólicas e uma física-, por discordarem de suas decisões. Ela tomou a frente nas decisões da família e tem acompanhado a mãe, que perdeu a casa.

Assim, nesse processo, tivemos que nos atentar para o cotidiano delas - uma vez que percebemos que essas violências eram diárias e invisibilizadas nas lutas dos atingidos, para as mineradoras e até para o sistema judiciário. Para isso, passamos a participar da rotina de cada uma, também conversando com os parentes e amigos de convívio. Dormimos na casa de Maria do Carmo e suas filhas, acompanhamos Marlene em reuniões, passamos horas com Maria Aparecida resgatando arquivos dos primeiros momentos da lama.

Nossa pesquisa se embasou no trabalho sobre as questões de gênero que o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) desenvolve, nas conversas que tivemos com Letícia Aleixo, do Ministério Público de Minas Gerais (à frente dos processos dos atingidos de Mariana), nas opiniões de um grupo de feministas que montamos e nas experiências compartilhadas pela psicóloga Elisabete Pessanha, e seu trabalho sobre traumas de mulheres vítimas de violências.

Diante disso, fizemos escolhas técnicas com o intuito de revelar um pouco do entorno de cada uma, tais como fazer as gravações em dias e momentos diferentes, construir uma paleta de cores - para o filme e poster - a partir das cores dos cotidianos delas, produzir fotografias de rosto e detalhes e buscar uma trilha sonora que desse noção do impacto, força e sensibilidade que essas mulheres nos passaram. Também visitamos as comunidades, em vários momentos, para entender o lugar de onde elas falavam e as mudanças que decorreram disso. Portanto, nossa produção é resultado de uma experiência de contato e tentativa de visibilizar as histórias com essa perspectiva, que para nós, ainda é pouco abordada. Esperamos com isso acrescentar pelo menos um ponto nas discussões sobre as mulheres em contexto de tragédias.